



JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL: PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

JOURNALISM AS SOCIAL CONSTRUCTION: PAULO FREIRE AND THE PEDAGOGY
OF THE OPPRESSED

EL PERIODISMO COMO CONSTRUCCIÓN SOCIAL: PAULO FREIRE Y LA PEDAGO-
GÍA DEL OPRIMIDO

Luan Pazzini Bittencourt¹

Resumo: Neste estudo, propõe-se uma discussão sobre o jornalismo como construção social, com base nos pensamentos de Paulo Freire (2014), publicados no livro *Pedagogia do Oprimido*. O objetivo desta pesquisa é analisar como *Adeus, Futuro* contribui para refletir sobre um jornalismo comprometido com a transformação da sociedade, diante das inúmeras crises vividas no Brasil. Vencedora do Prêmio ESSO de Jornalismo em 2006 na categoria Reportagem, *Adeus, futuro* é uma série de reportagens, escrita por Eduardo Auler, publicada de 2 a 9 de abril de 2006 no jornal *Extra*. Para atingir o objetivo proposto, foi utilizada a metodologia de Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (Motta, 2005). Com esta pesquisa, foi possível concluir que Eduardo Auler, ao escrever a série de reportagens, contribuiu para a construção social da realidade, oferecendo aos leitores textos de qualidade.

Palavras-chave: Comunicação e Educação; Jornalismo; Construção Social; Paulo Freire; Pedagogia do Oprimido.

Abstract: This study proposes a discussion on journalism as a social construction, based on the thoughts of Paulo Freire (2014), published in the book *Pedagogia of the Oppressed*. The aim of this research is to analyze how *Adeus, Futuro* contributes to reflecting on journalism committed to transforming society amidst the numerous crises experienced in Brazil. *Adeus, Futuro*, a series of reports written by Eduardo Auler, winner of the ESSO Journalism Award in 2006 in the Reportage category, was published from April 2 to April 9, 2006, in the *Extra* newspaper. To achieve the proposed objective, the Pragmatic Analysis of Journalistic Narrative methodology (Motta, 2005) was used. This research concluded that Eduardo Auler, through the writing of the series of reports, contributed to the social construction of reality, offering readers high-quality texts.

Keywords: Communication and Education; Journalism; Social Construction; Paulo Freire; Pedagoggy of the Oppressed.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (ECO/PPGCOM-UFRJ) (Bolsista CAPES), linha de pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais (2023). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (2020) Graduado em Comunicação Social - Jornalismo (UNISINOS) (2017). Pós-graduado em Docência para o Ensino Superior pelo Centro Universitário IBMR (2022) e Pós-Graduado em Formação de Professores na Educação Online - FAQI (2022). Professor Voluntário, atuando como orientador de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na Pós-Graduação latu sensu em Mídias e Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais IFSULDEMINAS - campus Passos. luanpazzini1@gmail.com

Resumen: En este estudio, se propone una discusión sobre el periodismo como construcción social, basada en los pensamientos de Paulo Freire (2014), publicados en el libro *Pedagogía del Oprimido*. El objetivo de esta investigación es analizar cómo Adeus, Futuro contribuye a reflexionar sobre un periodismo comprometido con la transformación de la sociedad, ante las numerosas crisis vividas en Brasil. Adeus, Futuro, serie de reportajes escrita por Eduardo Auler, ganadora del Prêmio ESSO de Periodismo en 2006 en la categoría Reportaje, fue publicada del 2 al 9 de abril de 2006 en el periódico Extra. Para alcanzar el objetivo propuesto, se utilizó la metodología de Análisis Pragmático de la Narrativa Periodística (Motta, 2005). Esta investigación concluyó que Eduardo Auler, al escribir la serie de reportajes, contribuyó a la construcción social de la realidad, ofreciendo a los lectores textos de calidad.

Palabras-clave: Comunicación y Educación; Periodismo; Construcción Social; Paulo Freire; Pedagogía del Oprimido.

INTRODUÇÃO

É possível afirmar que a proposta classificatória dos gêneros, no jornalismo, no Brasil, tem como base duas perspectivas diferentes, apresentadas por teóricos como José Marques de Melo e Manuel Carlos Chaparro. Marques de Melo, durante anos, propôs categorias baseadas na intencionalidade e no formato de textos jornalísticos. Já Chaparro, em 1998, em um estudo comparativo entre o jornalismo praticado em Portugal e no Brasil, questionou o paradigma que balizava a discussão sobre a questão dos gêneros de jornalísticos: a separação entre opinião e informação. Essa oposição é um dos eixos centrais das produções acadêmicas de Marques de Melo nesse campo.

Para Chaparro (1998), a ascensão do jornalismo imparcial e objetivo atendeu a uma demanda capitalista e industrial de produção de informação. Marcondes Filho (1986) define que esse jornalismo transformou a notícia em mercadoria com todos os seus apelos estéticos, sensacionalistas e emocionais, sucumbindo às normas mercadológicas de generalização, padronização e negação do subjetivismo.

Ainda de acordo com Chaparro (1998), o fortalecimento da separação na linguagem jornalística (informação e opinião) e no perfil empresarial da imprensa da época se deu a partir do surgimento do jornal *Diário de Notícias* (lançado em 1º de janeiro de 1865), “que assumiu a linha jornalística culturalmente revolucionária implantada pelo inglês *Daily Courant* que, em 1702, criou o mito anglo-saxônico da objetividade jornalística” (Chaparro, 1998, p. 45).

O conceito de objetividade, no século XX, passou a ser entendido como forma de garantir a verdade dos fatos. Nessa época, existia a desconfiança, devido à experiência sobre a forma de garantir a veracidade dos fatos (Hadassa Ester David, 2015)². A partir disso, os jornalistas adotaram estratégias como forma de assegurar, pelo menos, uma objetividade aproximada. Essas estratégias tinham como objetivo criar um padrão de formato e estilo de redação jornalística (David, 2015).

Consideradas como critérios de noticiabilidade (ou valor-notícia), “Quem? / O quê? / Onde? / Quando? / Como? / Por quê?”, perguntas facilmente reconhecidas por estudantes e profissionais do jornalismo, são, para Traquina (2001, p. 16), um “conjunto de elementos pelos quais as empresas e os trabalhadores da comunicação controlam a produção de informações”. O “quem” e o “onde”, fatores potencialmente capazes de agir no processo da produção da notícia (Marcia Veiga da Silva, 2018) e que,

² Visando à maior visibilidade às mulheres teóricas, os prenomes das autoras serão apresentados na primeira citação, uma vez que o uso exclusivo dos sobrenomes contribuiu para reforçar o masculinismo na ciência.

para Fabiana Moraes (2018), são critérios de exclusão de noticiabilidade, levam a uma reflexão mais profunda: o de fazer o jornalismo pensar a si mesmo.

Pensando nisso, neste estudo, será analisada uma série de reportagens, propondo uma discussão sobre jornalismo como construção social, a partir dos pensamentos de Paulo Freire, que mostram “a desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam” (Freire, 2014, p. 10), publicado no livro *Pedagogia do Oprimido*³.

O objetivo desta pesquisa é analisar como *Adeus, futuro* contribui para pensar em um jornalismo comprometido com a transformação da sociedade, diante das inúmeras crises vividas no Brasil. Série de reportagens escrita por Eduardo Auler, *Adeus, futuro* foi vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo em 2006, na categoria Reportagem, sendo publicada de 2 a 9 de abril de 2006 no jornal *Extra*. Teve início com a constatação de uma grave distorção na rede de ensino do Estado do Rio de Janeiro.

Além de apresentar uma estatística oficial de 2006 sobre a taxa de abandono escolar no sistema de educação administrado pelo governo estadual, em um universo de 1.673 unidades, com 1,3 milhão de alunos, *Adeus, futuro* também evidencia as profundas desigualdades que afetam o desempenho escolar, especialmente nas áreas mais vulneráveis, onde fatores socioeconômicos, falta de infraestrutura e apoio familiar insuficiente contribuem para a evasão escolar.

O Prêmio Esso de Jornalismo que, até a década de 1960 se chamava Prêmio Esso de Reportagem, muda novamente em 2015, em sua 60^a edição, passando a ser chamado de Prêmio ExxonMobil de Jornalismo, tendo anunciada sua pausa no dia 18 de maio de 2016. O prêmio tornou-se uma referência de reconhecimento no campo jornalístico, “contribuindo para a formação da identidade profissional dos produtores de notícias” (Castilho, 2008a, p. 7), legitimando os profissionais como intérpretes autorizados da realidade, considerando que a cultura jornalística é concebida por meio de redes informais de diálogo e troca (Barbie Zelizer, 2000).

Buscou-se, ainda, identificar os elementos que permitem afirmar não apenas que a série de reportagens é uma grande narrativa, mas, para além disso, mostrar quais recursos podem estar sendo mobilizados para pensar em um jornalismo comprometido com a transformação social.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: OS PENSAMENTOS DE PAULO FREIRE

“A comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão de conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente.” (Freire, 1968, p. 73).

³ Em 2016, o livro *Pedagogia do Oprimido* foi o único livro de autoria brasileira a figurar entre as 100 obras mais citadas, recomendadas em currículos de universidades de língua inglesa, segundo o Open Syllabus. Obteve o 99º lugar na lista geral e o 2º lugar quando se trata apenas de programas da área da educação. Disponível em: <https://www.paulofreirecentennial.org/sobrepaulofreire/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

Paulo Freire, em seus estudos, ao afirmar que a verdadeira comunicação se faz criticamente, por meio de uma construção, que envolve a participação e valorização de saberes diversos, abre caminhos para que suas obras se inter-relacionem e potencializem estudos em diversas áreas, por exemplo, na comunicação e na educação.

Embora os estudos de Paulo Freire tenham se concentrado, principalmente, no campo da educação, o autor inspirou, e continua a inspirar, diversos estudos publicados na área da comunicação. Autores como Cicilia Peruzzo (2002) e Meditsch (2012) afirmam que, mais do que pedagógica, a visão de Paulo Freire é de comunicação. Para Peruzzo (2002), a comunicação está intrinsecamente ligada em seu modelo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, Meditsch (2012) destaca que, para Freire, é a partir da comunicação que aprendemos a ser humanos.

De acordo com Melo e Sandra Pereira Tosta (2008), no campo acadêmico de estudos relacionados à área da comunicação, este se constitui por teorias da comunicação que, mesmo tendo autonomia, se apropriam e dialogam com os saberes advindos de outras áreas, como a antropologia e a sociologia. Para os autores, a comunicação é um campo interdisciplinar.

Para Peruzzo (2002), os estudos que relacionam as duas áreas – comunicação e educação – tendem a enfocar nas relações existentes entre os dois campos, gerando quatro importantes tensionamentos, conhecidos como:

- 1) questão da ensino-aprendizagem enquanto mediada por um processo comunicativo; 2) a utilização de meios de comunicação na educação presencial, nas instituições de ensino; 3) o papel da mídia no processo de educação; 4) a educação para a recepção crítica das mensagens transmitidas através dos meios massivos, especialmente a televisão (Peruzzo, 2002, p. 12).

Atestando a importância dos estudos de Paulo Freire para a área da comunicação, Meditsch (2021, p. 102), em uma mesa de abertura do *XX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação* (Intercom), realizado em Santos, em 1997, relatou que “o professor colombiano Jesus Martín-Barbero apontou Paulo Freire (ao lado do antropólogo Renato Ortiz) como o autor brasileiro mais importante para o desenvolvimento do pensamento latino-americano na área”.

Lima (2011) também confirma essa influência. Para o autor, o pensamento de Freire marcou a investigação sobre comunicação popular e alternativa e influenciou os principais autores da área de comunicação e estudos culturais, tanto na vertente dos estudos de recepção quanto na de educação para a comunicação. Lima (2011) estudou conceitos de comunicação propostos por Paulo Freire, em livro publicado no Brasil em 1981, e republicou a obra 30 anos depois, ano em que foram comemorados os 90 anos de nascimento do educador. O referido autor afirma que “Freire teorizou a comunicação interativa antes da revolução digital, vale dizer, antes da internet e de suas redes sociais. Como fez o próprio Freire, devemos nos remeter às suas reflexões sobre a teoria do conhecimento, base do conceito de comunicação como diálogo” (Lima, 2011, p. 22).

Paulo Freire, em estudos publicados nos livros *Comunicação ou extensão* (1983), *O compromisso do profissional com a sociedade* (1983), *A pedagogia da libertação em Paulo Freire* (2001), *Pedagogia do oprimido* (2014); e em Freire; Guimarães, *Sobre educação* (2013), ajuda a entender e consolidar as bases para o entendimento entre comunicação e educação.

Para Meditsch (2022), a aplicação das ideias de Paulo Freire na área da comunicação influencia principalmente os estudos de comunicação e cultura, comunicação popular, recepção e educação para a mídia. Além disso, para o autor, que classifica o jornalismo em seus estudos como “subárea”, os pensamentos de Freire têm sido aplicados, por razões que “certamente têm raízes históricas e políticas” (Meditesch, 2022, p. 25).

A partir da aplicação das ideias de Paulo Freire e considerando a importância de estudar o autor na comunicação, no próximo tópico, como forma de resgate, serão abordados estudos que relacionem o jornalismo com os estudos de Paulo Freire, refletindo sobre o jornalismo como construção social.

JORNALISMO COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

O jornalismo tem como função coletar, investigar, analisar e transmitir notícias para o grande público ou para uma gama segmentada dele. Segundo Marques de Melo e Assis (2010, p. 20), para que o jornalismo atinja seu objetivo, precisa “informar seus leitores, pois lida com as palavras como coisas a serem usadas”.

Impactado principalmente pelo avanço tecnológico, novas rotinas foram sendo implementadas no jornalismo, modificando a forma de comunicação com os leitores. Para Canavilhas (2014), essas mudanças criaram um novo nível de relação com as mídias, atingindo, de forma mais direta, tanto a produção de notícias quanto a forma de consumo, proporcionando novas experiências a partir de diferentes tessituras informativas, em que a hipertextualidade passou a ser característica importante na construção de uma notícia.

A questão da responsabilidade social no jornalismo parece ser algo consagrado. A expressão, que carrega força e impacto, é frequentemente utilizada em campanhas institucionais de empresas na área da comunicação. Para Ijuim (2009), tal consagração “talvez advenha do papel histórico da imprensa de ser tribuna para debates e instrumento de movimentos decisivos que culminaram em conquistas expressivas para a sociedade” (Ijuim, 2009, p. 32).

Tal tema está presente no Princípio III — *A Responsabilidade Social do Jornalista*, do documento disponibilizado pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O item diz que

[...] informação em jornalismo é compreendida como bem social e não como uma comodidade, o que significa que os jornalistas não estão isentos de responsabilidade em relação à informação transmitida e isso vale não só para aqueles que estão controlando a mídia, mas em última instância para o grande público, incluindo vários interesses sociais. A responsabilidade social do jornalista requer que ele ou ela agirão debaixo de todas as circunstâncias em conformidade com uma consciência ética pessoal (ABI, s.a, s.p).

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, no capítulo I – *Do direito à informação*, item III, também aborda a liberdade de imprensa como direito e pressuposto do exercício do jornalismo. O documento explica que o compromisso do jornalista com a responsabilidade social é inerente à profissão.

Ambos os documentos caracterizam o jornalismo como uma atividade social, estabelecendo, direta ou indiretamente, uma relação entre responsabilidade social e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Seguindo esse caminho, durante seus 15 anos de exílio, Paulo Freire escreveu *O Compromisso do profissional com a sociedade*, livro publicado em português pela primeira vez em 1979. A obra tornou-se referência indispensável ao campo da educação, além de iluminadora na área da comunicação.

Esse compromisso de transformação, Paulo Freire considera indispensável no exercício de qualquer profissão. Para Ijuim (2009), no jornalismo, o profissional deve ser comprometido, independentemente de suas particularidades e/ou de seus códigos deontológicos: “suas responsabilidades como profissional não são (ou não podem) dicotomizar-se de seu compromisso original de homem. Por isso, um jornalista é, antes de tudo, um homem (ser humano)” (Ijuim, 2009, p. 38).

Da mesma forma, Chaparro (1994) destaca que o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis. Para o autor “cada jornalista é responsável moral pelos seus fazeres” (Chaparro, 1994, p. 22). Em seus estudos sobre a ética do jornalista, Chaparro (1994) enfatiza que as escolhas do ser humano, considerando suas aspirações de liberdade, decorrem de um quadro de referência determinado pelas condições histórico-sociais vividas. Já para Cremilda Medina (1982), o jornalista, na prática diária, deve interligar fragmentações e linguagens, por meio da conquista de ferramentas de trabalho de amplo alcance e de códigos pluralistas, buscando evitar o retrocesso de plateias fechadas e incomunicáveis, como na maioria dos estratos sociais.

Traquina (2004) corrobora com a ideia de Medina e afirma que o jornalista, ao construir a realidade, conforme ensinam as teorias construcionistas, “não permitem que os acontecimentos permaneçam no limbo do aleatório, mas sejam trazidos aos horizontes do significativo” (Traquina, 2004, p. 17). Resende (2011) destaca que é necessário avançar nas investigações e reconhecer, por exemplo, a importância do caminho feito pelos estudos literários, destacando as pesquisas de Monica Martinez, autora de livros como *Jornalismo Literário: tradição e inovação*, publicado em 2016 e Ricoeur, no campo da história, no que se refere à compreensão da narrativa jornalística como lugar de produção de sentidos. Para o autor, “muitos dos estudos do jornalismo que se pretendem tomados pela narrativa ficam fadados a tangenciar problemas, sem de fato atravessar o próprio jornalismo” (Resende, 2011, p. 121).

De acordo com Vizeu (2008), pensando no atravessamento citado por Resende (2011), o jornalista, na elaboração do seu texto, deve utilizar processos de seleção e combinação que se transformarão em mensagens ou, de modo mais abrangente, em discursos sociais. Para Vizeu (2008), esse processo de seleção “não se dá apenas no campo restrito do código, uma vez que o sujeito se defronta com outros códigos – ou outros discursos – de que empresta também para a constituição de suas unidades discursivas” Vizeu (2008, p. 112).

Ainda segundo Vizeu (2008), o trabalho do jornalista, a partir do outro, não é algo mecânico e superficial, pois o grau de nomeação das coisas em palavras não se dá apenas pelo recurso da justaposição. O autor complementa que “o único modo de fazer o discurso funcionar é pela intervenção do sujeito, que nele investe sua subjetividade” (Vizeu, 2008, p. 112).

Pensando em um jornalismo que se constitui por meio da realidade, Moraes e Gouveia (2018) destacam que, no processo de escrita de uma notícia, a apuração dos fatos e observação continuam sendo processos importantes, mas não únicos. Para os autores:

[...] um importante recurso empregado é a representação de detalhes da vida das pessoas e dos grupos que são objetos da reportagem. Há de fato, uma valorização das subjetividades. Entre as técnicas utilizadas, destacam-se o perfil, a narrativa em fluxo de consciência, a presença do narrador em sua história e o uso de linguagem criativa. Essas experiências se relacionam com o que vem se chamando de jornalismo de subjetividade (Moraes; Gouveia, 2018, p. 112).

O jornalismo de subjetividade projeta um jornalismo mais humanizado, buscando articular as vivências do jornalista, pautando-se pela veracidade dos fatos. Ainda de acordo com os referidos autores, o uso da emoção, no jornalismo subjetivo se dá, primeiramente,

[...] pelo não apagamento da jornalista/do jornalista na produção que se realiza (entendendo que o lugar do jornalista não é o do protagonismo, não é do heroísmo). A procura pela tradução desse encontro do eu-outro na composição dos textos potencializa justamente a desconstrução de um olhar de autoridade sobre a vida alheia, principalmente aquelas experienciadas por pessoas/comunidades vulnerabilizadas (Moraes; Gouveia, 2018, p. 113).

Para Silva (2018), o jornalista, ao emergir e descobrir novos prismas, traz “inquietações motivadas pelas emoções vividas no exercício profissional – numa clara referência à intrusão da subjetividade” (Silva, 2018, p. 9). Ainda segundo Silva (2018), “o corpo, os sentidos e as emoções são instrumentos partícipes das práticas, e, quando percebidos em suas dimensões culturais e cognitivas, podem tornar-se potentes para melhores ações” (Silva, 2018, p. 19).

A subjetividade, caminhando lado a lado com um jornalismo mais humanizado, produz narrativas em que o ser humano se torna o ponto de partida, atraindo atenção de um público que procura alternativas ao modelo mercantil de informações. Ao reverter essa visão, o jornalismo deixa de ser apenas espetacular, passando a servir às pessoas que são mais invisibilizadas. Para Moraes e Silva (2019), quando o profissional, na prática jornalística, entra em contato direto com a sua alteridade, alcança melhor compreensão dos elementos da subjetividade e reconhece que a posição de sujeito do jornalista “(bem como as bagagens culturais e valores dominantes) constituem suas lentes de leitura da realidade, que contribuem para uma melhor compreensão de como as tramas simbólicas se tecem, sendo o jornalista central nos processos cognitivos” (Moraes e Silva, 2019, p. 19).

O jornalista, ao encontrar o personagem que está narrando a história e usando o entendimento do subjetivo, “jamais deve ser balizado a partir unicamente de um “eu”, aquilo o que a repórter sente e expressa, a forma como a profissional é afetada e posteriormente entrega, via produto jornalístico, essa afetação” (Moraes, 2022, p. 12). Ainda de acordo com Moares (2022), a subjetividade não “pode ser percebida como algo apenas do âmbito individual, como infelizmente tenho visto em alguns trabalhos que, inclusive, se referem à perspectiva de um jornalismo de subjetividade. Este deve ser compreendido nos planos individual e coletivo”.

Enquanto a objetividade da notícia for vista apenas como um “bem altamente perecível”, valorizando a velocidade em uma sociedade que exige notícias tão “quentes” quanto possível (de preferência “em primeira mão”), notícias “frias”, que são notícias “velhas”, não deixarão de ser “notícia” (Traquina, 2004, p. 36). Desse modo, faz-se necessário criar sub-representações que lancem olhares mais longos e generosos sobre as mais diversas realidades.

A REPORTAGEM ADEUS, FUTURO

Para Lima (2009), a reportagem configura-se numa abordagem multiangular que auxilia numa melhor compreensão da realidade, “a qual ultrapassa o enfoque linear, fazendo a abordagem ganhar contornos sistêmicos para o estabelecimento das relações entre as causas e as consequências em torno de um problema” (Lima, 2009, p. 344). Lage (2001) destaca que a reportagem colocou em primeiro plano novos problemas, como diferenciar o que é “privado, de interesse individual, do que é público, de interesse coletivo; o que o Estado pode manter em sigilo e o que não pode; os limites éticos do comércio e os custos sociais da expansão capitalista” (Lage, 2001, p. 6).

Medina (1988) enfatiza que a interpretação da diferença entre público e privado baseia-se no olhar subjetivo do repórter ao escolher um foco na abordagem da descrição e observação dos acontecimentos. Essa escolha é construída tanto pelo linguístico quanto pelo não verbal. É na conjugação desses dois elementos que se constrói uma “narrativa” direcionada temporalmente para um hoje, apesar de tratar-se da interpretação de fatos já ocorridos numa situação anterior.

Conforme Medina (1988), a “ação coletiva da reportagem ganha em sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano” (Medina, 1988, p. 36). Lima (1993) defende essa ideia, ao afirmar que a reportagem é um gênero jornalístico que pode oferecer mais espaço a quem não tem voz nas notícias publicadas no jornalismo diário. A escolha da pauta que se tornará uma reportagem, para Silva (2015), geralmente é feita “a partir também de traços subjetivos, pensando na ideia da subjetividade no plano dos valores” (Silva, 2015, p. 136).

Nesse sentido, tem-se como exemplo a série de reportagens vencedora do Prêmio Esso de Reportagem em 2006, publicada pelo jornal *Extra*, intitulada *Adeus, futuro* (figura 1), de autoria de Eduardo Auler. Ao longo de sete dias, entre 2 e 9 de abril de 2006, foi apresentado um trabalho de apuração e pesquisa, baseado em 150 entrevistas, que durou cerca de quatro meses.

Figura 1 – Adeus, futuro



Fonte: <https://extra.globo.com/acervo/>. Acesso em: 1º dez. 2023.

Eduardo Auler (2009), em entrevista concedida a Vinicius Neder, conta que todas as entrevistas foram gravadas, não tendo nenhum *off* na matéria. Ele conta ainda que, durante a apuração dos fatos, nenhuma pessoa fora identificada por questão de segurança, e o texto foi construído em capítulos, publicados diariamente. Auler (2009) relata que

[...] os capítulos foram definidos em função de causas para evasão escolar. A exceção é o primeiro dia da série, com a matéria “Em 2005, 172 mil alunos abandonaram a escola”, que faz uma espécie de apresentação e demonstra, com números, o tamanho do problema da evasão escolar. Os dados apresentados não estavam consolidados e foi preciso montar uma rede de informações de pessoas que conheciam educação por dentro, que trabalhavam em lugares distante, que tinham feito um projeto, que já tinham levantado essas informações de uma forma preliminar (Auler, 2009, p. 147).

O autor destaca ainda que, para abordar o tamanho do problema apresentado, foi necessário publicar uma dificuldade por dia, destacando, por exemplo, a falta de transporte público, a violência e a gravidez na adolescência.

Para Yara Medeiros dos Santos (2006), “o jornalismo tem o poder de colaborar com a construção social da realidade ao escolher o que pode ser esquecido ou lembrado, uma atividade que colabora com a memória identitária e com a construção da memória coletiva” (Santos, 2006, p. 10). Além de abordar um tema de relevância social, *Adeus, futuro* ilumina, com responsabilidade ética, o passado de histórias pouco contadas. A referida autora frisa ainda que, por meio do aprofundamento do fazer jornalístico, um tema importante, que ficou de fora da documentação da imprensa, pode voltar à tona.

CONSTRUÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO E A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Para atingir o objetivo proposto neste artigo, será utilizada a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística (Motta, 2005), que auxilia na construção de um olhar criterioso frente à elaboração dos textos jornalísticos. Para o autor, quem narra tem algum propósito ao narrar.

Nenhuma narrativa é ingênua. A análise deve, portanto, compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado. Pretende-se observar as narrativas jornalísticas como jogos de linguagem, como ações estratégicas de constituição de significações em contexto, como uma relação entre sujeitos atores do ato de comunicação jornalística. A narrativa não é vista como uma composição discursiva autônoma, mas como um dispositivo de argumentação na relação entre sujeitos (Motta, 2005, p. 4).

Ainda segundo Motta (2005), faz-se necessário analisar a construção de significados, por meio da reconfiguração do acontecimento jornalístico, incluindo seus episódios funcionais, conflitos, personagens e estratégias de subjetivação. Para o autor, é na reconfiguração do acontecimento que deve ser feita a observação do encadeamento das ideias.

Seguindo a Análise Pragmática da Narrativa Jornalística, e aplicando seus métodos em *Adeus, futuro*, buscou-se identificar como a série de reportagens contribui para pensar em um jornalismo comprometido com a transformação da sociedade, diante das inúmeras crises vividas no Brasil, a partir dos pensamentos de Paulo Freire (2014), publicados no livro *Pedagogia do Oprimido*.

Motta (2005) desenvolveu uma metodologia de análise que dialoga com a narratologia e a transporta ao universo jornalístico. Seu método compreende seis movimentos: recomposição da intriga ou do acontecimento jornalístico; identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios; a construção de personagens jornalísticas (discursivas); estratégias comunicativas; a relação comunicativa e o “contrato cognitivo”; metanarrativas – significados de fundo moral ou fábula da história (Motta, 2005, p. 10-14).

O autor ainda sugere que a ordem dos movimentos não “precisa e nem deve ser seguida pelo analista, ela não é um modelo nem uma ordem gradual de aproximação, atende apenas a exigência da exposição” (Motta, 2005, p. 4). A partir disso, neste estudo, optou-se por utilizar os movimentos 2 e 5, que estão mais alinhados à proposta de analisar a série de reportagens *Adeus, futuro*.

A análise, conforme já mencionado, iniciará pelo segundo movimento, *identificação dos conflitos e da funcionalidade dos episódios* (Motta, 2005, p. 12). Para o autor, “é em torno do conflito que os demais elementos de enredo se organizam, o que lhe confere o status de núcleo da narrativa” (Motta, 2005, p. 12). Motta (2005) destaca ainda que, por meio da narrativa, é possível perceber o ponto de partida, desfechos, punições, etc.

O segundo movimento utilizado é o quinto, intitulado *A relação comunicativa e o “contrato cognitivo”* (Motta, 2005, p. 12). Para o autor, toda narrativa deve ter como preocupação escutar o verdadeiro ponto de vista do narrador, “distinguindo entre “quem vê” (olhar, modo narrativo) e “quem fala” (voz, focalização)”.

A partir do estudo de Freire (2014), foram elaboradas três estratégias que buscam mostrar como o jornalista Eduardo Auler, ao escrever a série de reportagens *Adeus, futuro* evidencia “a desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam” (Freire, 2014, p. 10).

- A primeira é *o oprimido dar início à violência*, sendo ele o resultado de uma opressão que, segundo Freire (2014, p. 23), não existiria oprimido se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados.
- A segunda é *não há um sem os outros*, mas ambos em permanente integração. É por meio dessa interação que a realidade social, objetiva, se revela como produto da ação humana, e não por acaso (Freire, 2014).
- A terceira é *quando descobrem em si o anseio por libertar-se*. Nesse momento, para Freire (2014), percebem que esse desejo se concretiza apenas na concretude de outros anseios. Enquanto estão dominados pelo medo da liberdade, negam-se a apelar a outros e a ouvir o apelo que se lhes faz ou que já fizeram, preferindo a adaptação em vez de buscar sua liberdade.

O QUE ESTÁ SENDO CONTADO

No mapeamento e análise de o que está sendo contado, pensando em um jornalismo comprometido com a transformação social, em *Adeus, futuro*, foram identificadas 19 estratégias distintas. Essas estratégias foram quantitativamente separadas, conforme apresentado no quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – O que está sendo contado

O oprimido dar início à violência	9
Não há um sem os outros	6
Quando descobrem em si o anseio por libertar-se	4
Total	19

Fonte: Autoria própria (2023).

A primeira estratégia, *o oprimido dar início à violência*, sendo ele o resultado de uma opressão, aparece nove vezes na série de reportagens. Segundo Freire (2014), essa dinâmica sugere que, enquanto a violência dos opressores nega aos oprimidos o direito de ser, a resposta destes é impulsionada pelo anseio do direito de ser. Exemplos dessa estratégia são evidenciados nos movimentos 1 e 2 da reportagem *Tráfico levou 500 alunos a deixar Ciep em realengo*, em que a narrativa mostra as consequências da violência e a luta pelo direito de ser dos estudantes.

Movimento 1:

- Eu ia drogada para o colégio, não tinha cabeça para estudar e ficava rindo do professor (Auler, 2006, s.p.).

Movimento 2:

- O estudo poderia ter mudado a minha vida (Auler, 2006, s.p.).

Os movimentos 1 e 2 mostram como a exclusão social, definida como sendo uma combinação de fatores econômicos, limitações no acesso a direitos civis, políticos e sociais, influencia a vida de uma pessoa. Essa exclusão representa a acumulação de fatores econômicos e sociais ao longo do tempo, dentre os quais se destacam a falta de emprego, os padrões sociais, a qualidade da educação e dos serviços públicos essenciais, a saúde, a desigualdade racial ou sexual e até mesmo a violência. Ou seja, o processo de exclusão, que é possível observar nos movimentos analisados, parte da falta de trabalho digno e de renda, da habitação adequada e da ausência de acesso a serviços básicos como educação e saúde. Ao jornalista, frente a essa realidade, cabe agir e refletir sobre a realidade concreta e sobre o mundo, pois o papel social que está investido na “[...] sua função é estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias” (Medina, 1982, p. 22).

A segunda estratégia é *não há um sem os outros*, mas ambos em permanente integração. É por meio delas que a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, é revelada (Freire, 2014). Para o autor, a realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação do ser humano, volta-se sobre eles e os condiciona. Sendo assim, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, uma tarefa do ser humano. A partir disso, são destacados, como exemplo, os movimentos 3 e 4, presentes nas reportagens *Caça a estudantes faltos* e *Gravidez tira família da escola*.

Movimento 3:

- Mãe impede filha de 17 anos de continuar estudando e diz que não a quer mais em casa (Auler, 2006, s.p.).

Movimento 4:

- Fazia os trabalhos quando a Taissa estava dormindo (Auler, 2006, s.p.).

O *estar em permanente transformação*, proposto por Freire, é uma das máximas marxistas [devenir], que sugere a transformação daquilo que é para naquilo que deve ou pode ser. O ser da práxis, nos movimentos 3 e 4, é aquele capaz de transformar. Em outras palavras, é a pessoa que pode exercer um ato comprometido, como destaca o autor: “é exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis (Freire, 2014, p. 17). O jornalista, no exercício do papel social, no dia a dia, precisa “rastrear o maior número possível de versões, na busca incessante de uma verdade

inatingível, na solidariedade aberta a todos que tenham alguma coisa a falar” (Medina, 1982, p. 23). Para Medina (1982), o olhar do jornalista ajuda a construir a realidade.

A terceira é *quando descobrem em si o anseio por libertar-se*, momento em que, para Freire (2014), é percebido quando este anseio se faz concreto em concretude de outros anseios. Enquanto tocados pelo medo da liberdade, escutam o apelo dos outros, o apelo que se lhes faça ou que se tenham feito a si mesmos, preferindo a sua liberdade. São destacados, como exemplo, os movimentos 5 e 6, retirados da reportagem *Caça a estudantes faltos*.

Movimento 5:

- Alunos saem à procura de colegas que desistiram de estudar e que não acreditam mais na escola (Auler, 2006, s.p).

Movimento 6:

- Eu não desisti. Para não abandonar o colégio, vale até mesmo arriscar a própria vida (Auler, 2006, s.p).

Ao compromisso de transformação, Freire (2014) convida a refletir ainda mais sobre o que transformar e a quem transformar. Para o autor, a liberdade é um movimento que deve surgir a partir dos próprios oprimidos. A partir disto, a realidade será construída com o próprio oprimido e não para ele. Freire (2014) destaca que “não é suficiente que o oprimido tenha consciência crítica da opressão, mas que se disponha a transformar essa realidade” (Freire, 2014, p. 24). Para o autor, o profissional deve ser comprometido por si mesmo, pensamento que Chaparro (1994) corrobora, ao afirmar que o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis. Se é assim, “[...] cada jornalista é responsável moral pelos seus fazer” (Chaparro, 1994, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalista é observador, narrador e também intérprete de uma reportagem. Mobiliza e lança o seu olhar sobre o fato narrado. Os fatos narrados estão presentes na observação e interpretação. A postura ética e a responsabilidade social não devem ser perdidas em meio à veracidade do relato. O rigor do método é fundamental na investigação. Rigor que, para Meditsch (2022), é “captar, recolher, cobrir todos os fatos confirmados disponíveis. É tudo que se opõe à falsificação, à deformação, à mentira” (Meditsch (2022, p. 15).

A série de reportagens *Adeus, futuro*, após análise, pode ser considerada um exemplo de como a investigação jornalística contribui para a construção social da realidade, oferecendo aos leitores textos de qualidade. Infelizmente, devido ao pouco espaço em jornais impressos, elas geralmente são veiculadas em cadernos especiais temáticos, muitas vezes, fruto da persistência e resistência dos repórteres.

Paulo Freire, no livro *Pedagogia do oprimido*, mostra que a prática jornalística, quando comprometida com a formação de sujeitos críticos e reflexivos, auxilia na criação de nova consciência. Faz-se necessário, para tal, que o jornalista questione a sua prática concreta, retornando aos preceitos profissionais para que se enseje uma prática transformada e transformadora. Para que possam, a partir disso, lutar por liberdade e autonomia; afinal a libertação é um processo social.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. Princípios internacionais da ética profissional no jornalismo. Disponível em: <http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=455>. Acesso em: 1º dez. 2023.
- AULER, Eduardo. **Entrevista concedida a Vinicius Neder**. Rio de Janeiro, 27 ago. 2009.
- CANAVILHAS, João. **Hipertextualidade**: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (Org.), Webjornalismo: 7 características que marcaram a diferença (p. 3-10). LaBcom, 2014.
- CASTILHO, Marcio de Souza. O Prêmio Esso na constituição da identidade profissional do jornalista. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-13, 2008.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo, SP: Summus, 1994.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro. Santarém/PT: Jortejo, 1998.
- DAVID, Hadassa Ester. **A Narrativa Jornalística**: Objetividade Versus Subjetividade. In: XXXVIII Congresso de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 2015, p. 1-15. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3323-1.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 2014.
- IJUIM, Jorge Kanehide. A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. **Em Questão**, Porto Alegre, RS, v. 15, n. 2, p. 31-43, jul./dez., 2009.
- LAGE, Nilson. **A Reportagem**: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística. Rio de Janeiro, RJ: Editora Record, 2001.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. [Ed. rev. e ampl.]. Barueri, SP: Manole, 2009.
- LIMA, Venício A. **Comunicação e cultura**: as ideias de Paulo Freire. Brasília, DF: Editora UNB, Fundação Perseu Abramo, p.83-155, 2011.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**: o jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo, SP: Ática, 1986.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2010.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1982.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1988.
- MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o Jornalismo que está por vir**: a função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis, SC: Insular, 2012.
- MEDITSCH, E. Paulo Freire para um jornalismo educador. In: MEDITSCH, Eduardo; NOGUEIRA, Rose Dayanne Santana; GUIMARÃES, Nicole (org.). **Comunicação e pedagogia emancipatória**. Volume 2: Memória da disciplina Paulo Freire e a Comunicação no PPGCom da FAC UnB, p.44-56. Florianópolis, SC: Insular, 2022.
- MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.
- MORAES, Fabiana. Pode a subalterna a subalterna calar? Limites e transbordamentos entre repórter e entrevistadas. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 15, n. 1, jan./jun., 2018, p. 84-97. Disponível em: <https://bit.ly/3QPg3z1>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre, RS: Arquipélago, 2022.

MORAES, Fabiana; GOUVEIA, Diego. Para além do robô, a reportagem: pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. In: MAIA, Marta; MARTINEZ, Monica (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas:** perspectivas metodológicas. Santa Cruz do Sul, RS: Catarse, 2018.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 28, 2019, Porto Alegre, RS. Anais eletrônicos. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-temgenero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora>. Acesso em: 28 jul. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Intercom**, 2005. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

PERUZZO, Cicilia. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **PCLA**, v. 4, n. 1, out./nov./dez., 2002.

RESENDE, F. As desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: SILVA, G. et al. (Org.). **Jornalismo Contemporâneo, figurações, impasses e perspectivas**. Salvador, BA: EDUFBA; Brasília, DF: Compós, p. 119- 138, 2011.

SANTOS, Yara Medeiros dos. (In)visibilidade da grande reportagem. In: **14º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Palhoça** – Unisul – Novembro de 2016. Disponível em: <https://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2016/paper/viewFile/334/150>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SILVA, Marcia Veiga da. O encontro entre subjetividade e alteridade na crítica das práticas jornalísticas: aproximações de pesquisa. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 398-417, jan./mar., 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p398>. Acesso em: 3 dez. 2023.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo I**: Porque as notícias são como são. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2004.

VIZEU, A. A construção social da realidade e os operadores jornalísticos. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 11, n. 25, p. 111-118, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2004.25.3290. Disponível em: <https://revistas.eletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3290>. Acesso em: 3 dez. 2023.

ZELIZER, Barbie. Os jornalistas como comunidade interpretativa. Traquina, N. (org.) Jornalismo 2000. **Revista de Comunicação e Linguagens**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, n. 27, fevereiro de 2000, p. 50-65.

Submissão: 23/09/2024

Aceite: 28/05/2025